

# INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO LATIM VULGAR

OSCARINO DA SILVA IVO

## A COORDENAÇÃO E A SUBORDINAÇÃO

A frase, quer no latim, quer no português, é estruturada com obediência a dois processos fundamentais: a coordenação e a subordinação. Outros processos, como a correlação e a justaposição, não constituem, a nosso ver, formas independentes de estrutura da frase: são aspectos que assumem a coordenação e a subordinação.

As palavras de uma língua ou são elementos aos quais se prendem significações, ou são simples instrumentos gramaticais: *menino, árvore; de, em*.

Essas palavras somente transmitem mensagens, quando estruturadas segundo os padrões que a língua põe à disposição dos seus usuários.

Tomemos a seguinte série de palavras: *PAULO, PEDRO, FILHOS, SEUS, ESTAR, CAMPO*. Cada uma dessas palavras possui um sentido, isto é, simboliza alguma coisa, mas a série, como está, não veicula nenhuma mensa-

gem. Para que isso aconteça, devem elas ser relacionadas entre si. Devem, pois, ser submetidas a uma estruturação. E essa estruturação exige que cada palavra desempenhe um papel. Nesse momento, os instrumentos gramaticais são de relevante importância.

Assim, aquelas mesmas palavras podem formar várias frases:

Pedro e Paulo estão no campo com seus filhos.  
Paulo e seus filhos estão no campo com Pedro.  
Seus filhos estão no campo com Pedro e Paulo.

Postas dessa forma na frase, as palavras ora estão coordenadas entre si, ora se subordinam umas às outras. Os conectivos preposicionais que aí aparecem são elementos subordinativos e sua presença determina funções sintáticas. No português, são instrumentos gramaticais, por excelência, as preposições e as conjunções. No latim, as conjunções. Quanto às preposições, assumem tal valor, na sua plenitude, no latim vulgar, pelo menos a partir do momento em que podemos estudá-las em documentos escritos.

### A FLEXÃO DE CASO

Passadas para o latim, as três frases que formamos poderiam ficar assim:

Paulus et Petrus sunt in campo cum filiis suis.  
Paulus et filii sui sunt in campo cum Petro.  
Filiis tui sunt in campo cum Petro et Paulo.

Ao primeiro contacto com estas frases, podemos observar que a mesma palavra latina pode ter mais de uma desinência. Isso acontece porque a palavra muda de função sintática: PAULUS e PETRUS têm uma função; PETRO e PAULO, outra. FILIIS tem uma função; FILII, outra.

Estamos, então, diante do caso. CASO é, pois, a expressão da função sintática da palavra. Ele indica o papel que a palavra exerce dentro da oração. Como são várias as funções, o caso exhibe, forçosamente, desinências diferentes. Estas são as flexões casuais.

Mesmo uma rápida comparação daquelas frases postas em latim com suas correspondentes portuguesas mostra que no latim é a flexão casual que expressa, para o nome, a relação de determinante/determinado; mas no português tal relação é evidenciada quer pela preposição, quer pela concordância. É o que as nossas gramáticas tradicionais chamam de sintaxe de regência (com conectivo ou sem ele) e sintaxe de concordância, não passando esta, a nosso ver, de uma forma especial da regência. A sintaxe chamada de colocação não cria função sintática. Parece-nos que tal processo é pertinente à semântica e à estilística, pois é nesses campos que o valor da colocação mais se evidencia.

Os casos classificam-se em:

- |                  |                 |
|------------------|-----------------|
| 1. RETOS:        | 2. OBLIQUOS:    |
| 1.1 — nominativo | 2.1 — acusativo |
| 1.2 — vocativo   | 2.2 — genitivo  |
|                  | 2.3 — dativo    |
|                  | 2.4 — ablativo  |

O mesmo caso pode servir a mais de uma função sintática, da mesma forma que uma mesma função pode ser construída com casos diferentes, às vezes numa efetiva concorrência desses casos entre si, às vezes na dependência da palavra regida.

De qualquer forma, as principais funções dos casos latinos especificam-se assim:

1. NOMINATIVO: — sujeito e predicativo do sujeito.
2. VOCATIVO: — vocativo (chamamento).
3. ACUSATIVO: — objeto direto; adjunto adverbial; predicativo do objeto direto; sujeito de verbo no infinitivo e predicativo desse sujeito.
4. GENITIVO: — adjunto adnominal restritivo (correspondente, no Português, a *de* + *substantivo*); complemento de certos nomes, pronomes e verbos.
5. DATIVO: — Objeto indireto; complemento nominal.
6. ABLATIVO: — adjuntos adverbiais e complemento de certos nomes e verbos.

O *adjunto adnominal* expresso por adjetivo e o *aposto* são funções que podem estar em qual-

quer caso. A frase portuguesa comprova a afirmação. O adjetivo acompanha o substantivo em qualquer função que este exerça. Será, pois, adjunto adnominal ou do sujeito, ou do objeto direto, ou do predicativo, ou do objeto indireto, etc.: o homem *saudável* é alegre; vejo um homem *saudável*; Pedro é um homem *saudável*.

No tronco lingüístico indo-europeu, do qual provém o latim, havia ainda o caso *instrumental* e o caso *locativo*. Ambos foram absorvidos pelo *ablativo*. Do locativo, contudo, restam ainda algumas construções.

## O TEMA

Sabemos que um vocábulo é divisível. Nele há formas mínimas que podem ser depreendidas mais ou menos facilmente. Duas são muito importantes no caso da palavra latina: o *tema* e a *desinência casual*.

No português, o tema aparece muito facilmente nos verbos. Tomemos o verbo *louvar*. Segundo os elementos que compõem o vocábulo, podemos dividi-lo assim:

LOUV — : radical  
 — A — : vogal temática  
 — R : desinência de infinitivo

No latim *LAUDARE*

LAUD — : radical  
 — A — : vogal temática  
 — RE : desinência de infinitivo

Alguns latinistas preferem reservar a denominação de *vogal temática* para a vogal que se junta ao tema em consoante. A vogal dos temas vocálicos recebe da parte deles a denominação de *vogal predesinencial*.

A vogal temática é o elemento caracterizador do grupo a que pertence a palavra. Além disso, prepara o radical para receber uma desinência ou um sufixo.

A soma do radical com a vogal temática constitui o *tema*. No verbo *louvar*, o tema é *louva* —; em *laudare*, *lauda* —.

No latim, todos os substantivos e adjetivos têm um tema ao qual se prendem as desinências casuais.

Substantivos e adjetivos pertencem a um desses temas:

- a) tema em — a —
- b) tema em — o —
- c) tema em — u —
- d) tema em — e —
- e) tema em — i —
- f) tema em consoante.

No português, esses seis temas reduzem-se a três, como veremos adiante.

O tema latino aparece em toda a sua plenitude no genitivo plural. Por outro lado, a palavra vem enunciada no dicionário pelo nominativo singular acompanhado do genitivo. Vejamos este quadro:

nominativo singular	genitivo singular	genitivo plural	tema
poeta	poetae	poetarum	poeta —
alta	altae	altarum	alta —
filius	fili	filiorum	filio —
altus	alti	altorum	alto —
puer	pueri	puerorum	puero —
ater	atri	atrorum	atro —
uir	uiri	uirorum	uiro —
templum	templi	templorum	templo —
fructus	fructus	fructuum	fructu —
cornu	cornus	cornuum	cornu —
dies	diei	dierum	die —
navis	navis	nauium	nauí —
urbs	urbis	urbium	urbi —
uulpes	uulpis	uulpium	uulpi —
felix	felicis	felicium	felici —
acer	acris	acrium	acri —
mare	maris	marium	mari —
animal	animalis	animalium	animali —
calcar	calcaris	calcarium	calcari —
ciuitas	ciuitatis	ciuitatum	ciuiatat —
princeps	principis	principum	princip —
hiems	hiemis	hiemum	hiem —
lex	legis	legum	leg —
inops	inopis	inopum	inop —
dux	ducis	ducum	duc —
consul	consulis	consulum	consul —
homo	hominis	hominum	homin —
lectio	lectionis	lectionum	lection —
amor	amoris	amorum	amor —
corpus	corporis	corporum	corpor —
caput	capitis	capitum	capit —
onus	oneris	onerum	oner —
flumen	fluminis	fluminum	flumin —
lac	lactis	lactum	lact —
cor	cordis	cordum	cord —

Pelo quadro, podemos observar que o genitivo plural tem, no latim clássico, apenas duas

desinências: — RUM e — UM e que antes dessas desinências aparece uma *consoante* ou as vogais /a/, /o/, /u/, /e/, /i/. São os temas nominais. Também podemos observar que o genitivo singular tem em cada tema *uma mesma desinência*, a despeito da variação do nominativo.

Será fácil, então, estabelecer uma norma para reconhecimento dos temas, já que o dicionário registra cada palavra em nominativo e genitivo singular.

Assim, teremos:

1. Será de *tema em — a —* a palavra que tiver a seguinte oposição nominativo/genitivo singular:

— a / — ae : *poeta, — ae.*

2. Será de *tema em — o —* a palavra que tiver uma das seguintes oposições nominativo/genitivo singular:

— us / — i : *dominus, — i;*

— er / — i : *puer, — i;*

— ir / — i : *uir, — i;*

— um / — i : *templum, — i.*

3. Será de *tema em — u —* a palavra que tiver uma das seguintes oposições nominativo/genitivo singular:

— us / — us : *fructus, — us;*

— u / — us : *genu, — us.*



4. Será de *tema em — e —* a palavra que tiver a seguinte oposição nominativo/genitivo singular:

— es / — ei : *dies*, — ei.

5. Será de *tema em — i —* a palavra que tiver uma das seguintes oposições nominativo/genitivo singular:

— is / — is : *navis*, — is;

— es / — is : *uulpes*, — is;

— s / — is : *urbs*, — is (< \**urbis*, — is);

— zero / — is : *mare*, — is; *animal*, — is; *acer*, *acris*.

6. Será de *tema em consoante* a palavra que tiver uma das seguintes oposições nominativo/genitivo singular:

— s / — is : *ciuitas*, — atis; *hiems*, — is; *dux*, *ducis*;

— zero / — is : *consul*, — is; *homo*, — inis; *amor*, — is; *lac*, *lactis*.

No tema em — i , as palavras de nominativo com desinência ZERO têm as terminações — er, — e, — al, — ar. Ê o resultado da evolução fonética.

No tema em consoante, somente têm desinência de nominativo os temas em dental, bila-

bial e velar. Todavia, algumas palavras de nominativo em — *es*, — *is*, embora de número muito reduzido, são de tema em consoante.

O tema em — *i* — e o tema *em consoante* têm uma relação muito íntima, pois os dois chegaram a uma mesma desinência de genitivo, por força da evolução fonética a que foi submetida a desinência do tema *em consoante*, inicialmente — *es*. Por isso, há constantemente a influência analógica de um tema sobre o outro, e suas desinências casuais se tornam quase idênticas. De qualquer forma, contudo, no genitivo plural permanece a diferença.

O português não conservou esses seis temas. Possui apenas três, o que é fruto das alterações sofridas pela língua latina. Veremos mais adiante a passagem dos seis temas a três no latim vulgar.

## A FLEXÃO DE NÚMERO E DE GÊNERO

A flexão de número está ligada intimamente à flexão de caso. Em cada palavra, a desinência casual indica ao mesmo tempo a função sintática e o número. Assim, a frase

*discipulus attentus est*  
opõe-se, como singular, à frase  
*discipuli attenti sunt,*

que está no plural. *Discipulus* é ao mesmo tempo *nominativo* e *singular*. *Discipuli* é *nominativo* e *plural*.

O gênero, ao contrário, não tinha no latim uma desinência específica, em todos os casos, conquanto se conservasse a classificação tripartida: *masculino, feminino, neutro*.

Proveniente de um primitivo dualismo *animado/inanimado* do indo-europeu, a distinção em três gêneros, até certo ponto clara no indo-europeu comum, não tem no latim, desde as suas origens, uma caracterização morfológica capaz de mantê-la viva. Se, por um lado, uma grande classe de adjetivos expressa a diferenciação genérica *masculino/feminino* pela oposição de temas do tipo *magnus/magna*, por outro lado, a oposição *masculino/neutro*, presente num mesmo tema, anula-se completamente no genitivo, no dativo e no ablativo. Além disso, outra grande classe de adjetivos pertence ao tema em — *i* — ou *em consoante*, sem condição, pois, de diferenciação morfológica em todos os casos. Se a dificuldade de diferenciação genérica é grande na área do adjetivo, na do substantivo ela se torna ainda maior. Já tem origem no próprio latim primitivo a tendência da língua em fixar em algum elemento mórfico a distinção *masculino/feminino*. Se Ênio ainda emprega um sintagma do tipo *lupus femina*, aumenta progressivamente o número de oposições do tipo *filius/filia; dominus/domina; magister/magistra; deus/dea; puer/puella; lupus/lupa*. Essa caracterização morfológica se acentua nos vários períodos de evolução

da língua e no Português, por exemplo, o artigo é fundamental na indicação do gênero gramatical de palavras que representam seres desprovidos de gênero natural, portanto, de sexo.

### O ACUSATIVO NO LATIM CLÁSSICO

Não se trata, nesta Introdução, de estudar toda a flexão casual latina, mas de fixar as tendências da língua em reduzir as desinências e, conseqüentemente, os casos. Podemos observar, por exemplo, que as palavras neutras têm três casos com idêntica desinência, quer no singular, quer no plural: o nominativo, o acusativo e o vocativo. Além disso, no plural, a desinência — *a* é comum ao neutro de todos os temas que o possuem: *templa*, *animalia*, *cornua*, respectivamente de *templum*, — *i*, *animal*, — *alis*, *cornu*, — *us*. Podemos citar inúmeras coincidências fonéticas dos casos, as quais, se não são intencionais, como de fato não o são, contribuem de maneira efetiva para a redução dos casos, de vez que cada geração de falantes vai perdendo, pouco a pouco, contacto com as causas motivadoras iniciais de tais evoluções: a desinência — *is* é comum ao dativo e ao ablativo do plural dos temas em — *a* — e — *o* —: *dominis*, dativo e ablativo plural de *dominus* e de *domina*; a desinência — *bus* serve ao dativo e ablativo plural dos temas em *consoante*, — *i* —, — *e* —, — *u* —: *ciuitatibus*, *navibus*, *diebus*, *fructibus*, respecti-

vamente de *ciuitas*, — *atis*, *navis*, — *is*, *dies*, — *ei*, *fructus*, — *us*; a desinência — *a* é comum ao nominativo, vocativo e ablativo singular dos nomes de tema em — *a* —, não possuindo nenhuma distinção com a perda da quantidade; o genitivo e o dativo singular e o nominativo e vocativo plural têm, no tema em — *a* — a mesma desinência — *ae*. Um simples exame do quadro de desinências casuais do nosso *Estudo progressivo da morfo-sintaxe latina*, p. 85, será bastante para verificação das coincidências.

De qualquer forma, o acusativo é o caso latino que sobrevive na área da Península Ibérica e, por isso mesmo, interessa-nos muito de perto. Os nossos nomes, na sua quase totalidade, são a continuação desse acusativo.

Para maior visão de conjunto, apresentamos no quadro que se segue uma relação de palavras em acusativo ao lado de cada espécie de tema e da correspondente oposição *nominativo/genitivo* singular.

Lembramos que no quadro desinência e terminação se equivalem, desde que sejam capazes de estabelecer uma oposição indicadora de função sintática. Assim é que no tema em — *a* —, por exemplo, o nominativo é de desinência *zero*, mas no período clássico prevalece a oposição — *a/* — *ae*, em que o final do tema funciona como verdadeiro elemento de oposição casual.

Tema em	ACUSATIVO CLASSICO							
	SINGULAR				PLURAL			
	Masc.	Fem.	Neutro	Masc.	Fem.	Neutro		
— a —	poetam	filiam altam	—	poetas	filias altas	—		
— o —	fillum altum puerum uirum —	humum — — —	(1) — — — templum altum	filios altos pueros uiros —	humos — — —	— — — — tempia alta		
— u —	fructum —	manum —	— cornu	fructus —	manus —	— cornua		
— e —	diem	rem	—	diem	res	—		
— i —	ciuem uerrem felicem — — —	nauem uulpem felicem — — —	— — felix facile mare animal calcar	ciues uerres felices — — —	naues uulpes felices — — —	— — felicia facilia maria animalia calcaria		
Consoante	principem consulem ueterem	ciuitatem lectionem ueterem	— caput uetus	principes consules ueteres	ciuitates lectiones ueteres	— capita uetera		

(1) Entre os neutros de tema em — *o* —, apenas três nomes têm nominativo em — *us*: *uirus*, *pelagus*, *uulgus*. Preferimos não registrá-los no quadro. (2, 3) — Tratando-se de adjetivo, o neutro tem sempre o acusativo igual ao nominativo, o que não ocorre com o masculino e o feminino.

Algumas palavras em — *i* — conservam, no latim clássico, o acusativo em — *im*, do tipo *tussim*.

A leitura do quadro mostra-nos que o acusativo singular, masculino e feminino, termina sempre em — *m* e que o plural termina sempre em — *s*. No gênero neutro, o acusativo singular pode ter vários finais, mas o plural termina sempre em — *a*.

Chamamos também a atenção para o fato de que, no singular, antes da desinência — *m*, aparecem as vogais /a/, /u/, /e/; no plural, antes da desinência — *s*, as vogais /a/, /o/, /u/, /e/.

Tais fatos não teriam para nós nenhuma importância, se a língua latina não ultrapassasse os limites da sua área geográfica e do seu tempo. Mas, instrumento de comunicação dos povos que se ergueram em nações sobre os escombros do Império Romano, essa mesma língua conservou os traços fundamentais que se tornaram as linhas mestras da nossa sintaxe e da nossa morfologia. Nos quadros que se seguem mostraremos que aquelas vogais são caracterizadoras dos nossos três temas nominais.

## A REDUÇÃO DOS CASOS

Já sabemos que o latim possuía seis casos, como também que a evolução fonética levou alguns deles a uma só desinência. Era de se prever que tais semelhanças de desinências casuais trouxessem dificuldades ao homem do povo, principalmente em se tratando de províncias mais distantes do poder central, sediado em Roma.

É notório que a evolução fonética é fator altamente desagregador. Tende a substituir padrões lingüísticos por outros que, por sua vez, não permanecem intactos por muito tempo, dando seu lugar a outros. Mas a ação desses fenômenos fonéticos se acentua nos períodos de transição, principalmente quando dois grupos lingüísticos se entrecrocavam. No período latino, a perda de integridade da língua coincide com a decadência do Império Romano e conseqüente desmoroamento.

Avolumam-se as transformações fonéticas. A quantidade desaparece, cedendo o seu lugar à intensidade, ela que sempre funcionou como uma espécie de defesa das vogais longas, que só em casos excepcionais sofriam os efeitos da evolução fonética.

Se o homem culto era capaz de distinguir os casos e empregá-los conscientemente, o mesmo não se poderá dizer do homem do povo, inculto e despreocupado com a pureza da linguagem. Como a diferenciação casual se torna cada vez



mais precária, o uso da preposição, que no latim clássico se restringia ao acusativo e ao ablativo apenas para indicar o tipo de circunstância que acompanhava a função sintática, amplia-se no sentido de tornar-se, ela mesma, o elemento determinante da função sintática como substitutivo do caso. E assim é que no Português a preposição é elemento indispensável na estrutura da frase.

A redução dos casos é uma tendência natural e não uma inovação do latim vulgar. Acontece apenas que é na língua oral que se torna possível e mais fácil a evolução. Não se pode negar a Plauto o uso correto dos casos, da mesma forma que vimos em autores populares a falsa presunção de que usam uma linguagem erudita e correta. Ao formar-se, o latim já eliminou o instrumental e o locativo do indo-europeu e mesmo o vocativo não chega a ser propriamente um caso à parte, de vez que somente difere do nominativo nos nomes de tema em —o— com nominativo singular em —us, do tipo *dominus/domine*, ou *Antonius/Antoni*.

De qualquer forma, a flexão nominal nos moldes do latim clássico desapareceu completamente, quando a evolução da língua atingiu a fase do romance. Foi, como não poderia deixar de ser, uma mudança paulatina e praticamente insensível aos falantes da época, todavia ela se fez e, o que é mais admirável, continua a ser feita a despeito de todos os esforços em contrário.

O ablativo parece ser o caso primeiramente atingido. Já no latim primitivo, quer no singular, quer no plural é sensível a alteração de suas desinências. No plural, a desinência — *is* primitiva, dos temas em — *a* — e — *o* — combina com essas vogais, resultando no desaparecimento delas: — *ais* > — *eis* > — *is*; — *ois* > — *eis* > — *is*. A perda da vogal temática parece ser fatal ao caso na língua oral, pela quebra do sistema. No singular, a desinência primitiva era — *d*, exceção apenas para o tema em consoante. Tal desinência não tardou a desaparecer. Nessas condições, o ablativo singular torna-se igual ao tema: *poeta, domino, templo, naue* (por *nauis*), *die, fructu*. Dois fatores pelo menos levam o latim vulgar, muito cedo, ao abandono do ablativo em benefício do acusativo: primeiro, o uso da preposição com os dois casos; segundo, sua completa identificação no singular, com a perda da desinência — *m* do acusativo. Estender-se a perda ao plural é uma consequência lógica.

O genitivo é um caso que, já no latim clássico, sofre a concorrência do dativo, principalmente no tipo de construção que os gramáticos denominam *dativo de posse*. Além disso, muitos nomes, as mais das vezes adjetivos, constroem-se indiferentemente com o genitivo e com o dativo: "... nemo tam improbus ... tam tui similis inueniri potest". Cíc. Cat. 1,2,5, "Urbem ... putauis ... huic nostrae similem". (Verg. Buc.

I,19-29). O próprio ablativo entra na área do genitivo adnominal em construções como: "... ceruum *uasti corporis*" (Fedro, 1,5,5-6), ao lado de "... *praestanti corpore nymphae*" (Verg. En. I, 71) ou 'uas auri' / 'uas ex auro'..

É natural, também, que o genitivo não consiga resistir por muito tempo ao processo de mutações do sistema.

Dos casos fadados ao desaparecimento, o dativo parece ser o mais resistente, mas também ele cede o seu lugar ao acusativo regido de preposição.

Já no romance, ou talvez mesmo no final do período latino, resta na Lusitânia apenas o acusativo.

## REDUÇÃO DOS TEMAS

O latim possuía seis temas nominais, como vimos. Todavia, se examinarmos o acusativo singular, no período clássico da língua, já perceberemos aí alguns sintomas do que vai acontecer:

- a) o tema em —o— tem essa vogal evoluída para —ũ—, dando a desinência ou terminação —*ũm*;
- b) o tema em —u—, tendo o acusativo em sílaba final travada, assume a forma em —*ũm*, igual, pois, ao tema em —o—;

- c) o tema em —*i*—, por analogia com o tema em *consoante*, forma o acusativo em —*ēm*, o que o iguala também ao tema em —*e*—, com acusativo em —*ēm*;
- d) o tema em consoante, ou já recebe a desinência —*ēm* (*consul-em*), ou traz um /e/ epentético entre a consoante do tema e a desinência —*m* (*reg-e-m*), dando em resultado —*ēm*.

Com isso, o acusativo singular clássico do gênero animado (masculino e feminino) tem as seguintes terminações: —*am*, —*um*, —*em*. A desinência —*um* do tema em —*o*—, tem como correspondente plural a desinência —*os*: *dominum/dominos*. O tema em —*u*—, que tem no latim clássico o plural em —*us*, passa a ter também, no latim vulgar, por analogia, a desinência —*os*, tema em —*o*—, pois: *fructum/fructus*; *fructum/fructos*.

Desta forma, quando o latim vulgar reduziu os seis casos a um só, o acusativo, também reduziu os seis temas a três: —*a*—, —*o*—, —*e*—.

### A PERDA DO GÊNERO NEUTRO

O neutro não teria razões para subsistir, primeiro porque a antiga divisão indo-européia dos gêneros em animado e inanimado já não tem sentido para os romanos e, em segundo lugar, porque o gênero não tem desinências específicas. Além disso, é mínima a diferença

entre o masculino e o neutro, pois entre eles não ocorre o que se dá entre o masculino e o feminino que podem estar em temas diferentes, tipo *magnus / magna* ou *filius / filia*. Se no nominativo singular pode haver a oposição masculino/neutro do tipo *magnus / magnum*, o mesmo não ocorre com o acusativo. Nenhum elemento mórfico distingue o gênero em, por exemplo, *magnum, puerum, templum*.

De qualquer forma o neutro identifica-se muito cedo com o masculino. Uma vez feita a identificação, o plural segue o modelo do tema em — *o* — ou do tema em — *e* — do latim vulgar: *templum* > *templu / templos*; *caput* > *capu / capos*; *animal* > *animale / animales*.

As formas neutras de plural, cuja desinência é — *a*, vão engrossar o tema em — *a* —, confundidas que foram com o feminino. Aliás, cumpre notar que o latim vulgar vinculou a vogal — *o* ao masculino e a vogal — *a* ao feminino, numa oposição — *o* / — *a* de masculino/feminino. O português, além de ter ou o masculino ou o feminino resultantes do neutro singular e plural, possui uma série numerosíssima de pares do tipo *fado / fada, lenho / lenha, animal / alimária*.

Os quadros que se seguem procuram dar uma idéia de conjunto dessas transformações operadas no latim vulgar e no romance, em comparação com o latim clássico.

**O ACUSATIVO NO LATIM CLÁSSICO E NO LATIM VULGAR**  
(No período final)  
**QUADRO 1**

Constituição do tema em — a — no latim vulgar

T E M A   E M   — A —			
S I N G U L A R		P L U R A L	
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
<b>LATIM CLÁSSICO</b> poetam nautam	filiam altam	poetas nautas	filias altas
<b>LATIM VULGAR</b> nauta poeta	filia alta signa ligna animalia	nautas poetas	filias altas signas lignas animalias
<b>Masculino</b>	oriundos do feminino clássico	<b>Masculino</b>	oriundos do feminino clássico
	Feminino		Feminino
T E M A   E M   — A —			

Como os sufixos — *ies* e — *ities*, formadores de nomes de tema em — *e* —, tinham formas correspondentes em — *ia* e *itia*, tipo *materies*, — *ei* e *materia*, — *ae*, um grande número de nomes de tema em — *e* — incorpora-se ao tema em — *a* — no latim vulgar. Os próprios clássicos costumavam usar as duas formas.

Remonta ao próprio latim a criação de palavras femininas em — *ia*, montadas no radical do participio presente, do tipo *praesentia*, — *ae*, *essentia*, — *ae*.

QUADRO 2

Constituição do tema em — *o* — no latim vulgar  
SINGULAR

LATIM CLASSICO	TEMA EM — <i>O</i> —			Tema em consoante neutro tipo	TEMA EM — <i>U</i> —		
	Feminino	Masculino	Neutro		Masculino	Neutro	Feminino
acanthum humum ficum	filium campum altum	templum pelagus altum	corpus caput pectus	fructum cursum cultum	cornu	nanum	
acanthu humu ficu	filu campu altu	templu pelagu altu	corpu capu pectu	fructu cursu cultu	cornu	manu	
LATIM VULGAR	MASCULINO						FEMININO
	TEMA EM — <i>O</i> —						

## PLURAL

TEMA EM — O —		TEMA EM — U —		
		Masculino	Neutro	Feminino
LATIM CLASSICO		Tema em consoante neutro tipo		
Feminino	Neutro	Masculino	Neutro	Feminino
acanthos	tempa	fructus	cornua	manus
humos	pelaga	cursus		
ficos	alta	cultus		
acanthos	templos	fructos	cornos	manos
humos	pelagos	cursos		
ficos	altos	cultos		
LATIM VULGAR		MASCULINO		
		FEMININO		
		TEMA EM — O —		



**QUADRO 3**  
**Constituição do tema em — e — do latim vulgar**  
**SINGULAR**

TEMA EM — E —		TEMA EM — I —			TEMA EM CONSOANTE		
Feminino	Masculino	Masculino	Neutro	Feminino	Feminino	Masculino	Neutro
faciem seriem	diem	ciuem Tiberim facilem	animal mare facile	nauem tussim facilem	ciuitatem legem lectionem arborem	principem consulem regem amorem	flumen lumen lac (< lact)
facie serie	die	ciue Tibere facile	animale mare facile	naue tusse facile	ciuitate lege lectione arbore	principe consule rege amore	flume lume lacte
Feminino		Masculino		Feminino		Masculino	Masculino
<b>TEMA EM — E —</b>							
LATIM CLASSICO		LATIM VULGAR					

PLURAL

TEMA EM --E--		TEMA EM --I--			TEMA EM CONSOANTE		
Feminino	Masculino	Masculino	Neutro	Feminino	Feminino	Masculino	Neutro
facies series	dies	ciues — faciles	animalia maria facilia	naues tussis faciles	ciuitates leges lectiones arbores	principes consules reges amores	flumina lumina lacta
facies series	dies	ciues — faciles	animales mares faciles	naues tusses faciles	ciuitates leges lectiones arbores	principes consules reges amores	flumes lumes lactes
feminino		masculino		feminino		masculino	
TEMA EM --E--							

LATIM CLASSICO

LATIM VULGAR

*Dies* passa ao tema em — *a* —, donde, no português, *dia*. Vimos que o latim vulgar associa o gênero masculino ao tema em — *o* — e o feminino ao tema em — *a* —, com as discordâncias próprias da significação de certas palavras. Isso não aconteceu com o tema em — *e* — no qual as palavras se tornaram imprecisas na indicação do gênero. Palavras masculinas latinas chegam ao português como femininas, da mesma forma que muitas tomadas primitivamente como femininas chegam até nós como masculinas. Leve-se em conta ainda que muitas, ou mudaram de gênero no curso da própria língua portuguesa ou não são empregadas em um mesmo gênero por todos os falantes.

No português é normal a perda da vogal temática — *e* —, quando precedida de consoante que pudesse formar sílaba com a vogal anterior. Na formação do plural, contudo, restabelece-se a vogal: *amore* > *amor* / *amores*.

Os nossos plurais são todos explicáveis pelo plural latino.

#### BIBLIOGRAFIA

- MAURER, JR. T. Henrique. *Gramática do Latim Vulgar*. Acadêmica, Rio, 1959.
- VAANANEN, Velho. *Introducción al Latin Vulgar*. Ed. Gredos, Madrid, 1967.
- ERNOUT, A. *Morphologie Historique du Latin*. Librairie G. Klincksieck, Paris, 1953.
- IVO, Oscarino da Silva. *Estudo progressivo da morfo-sintaxe latina*. Imprensa Universitária da UFMG, Belo Horizonte, 1974.